

O futuro das comunicações e artes na USP

José Marques de Melo*

Superar um falso dilema - o de formar profissionais ou pesquisadores - é a prioridade atual da ECA.

No início de fevereiro toma posse o novo diretor da Escola de Comunicação e artes da Universidade de São Paulo, tendo exercido esse cargo no último quadriênio, julgo importante fazer um balanço da sua trajetória recente e dos seus desafios emergentes.

Criada em 1966, a ECA prontamente ocupou um papel de liderança a América Latina, treinando recursos humanos e estocando conhecimentos para a nascente indústria cultural da região.

Se, por um lado, contou com boa infra-estrutura laboratorial e serviços de apoio ao ensino e à pesquisa, enfrentou desde o início uma crucial indefinição acadêmica: formar profissionais ou pesquisadores?

A prioridade contemporânea da escola tem sido ultrapassar aquele falso dilema. Para tanto, valeu-se dos instrumentos típicos da vida universitária.

Reocorrendo a consultores externos e utilizando dados de pesquisa de campo, além de diagnósticos históricos e de análises de conjuntura, fez-se uma ampla avaliação institucional. A partir daí os colegiados acadêmicos fixaram metas para uma etapa de transição.

As reformas em andamento traduzem a preocupação comunitária de acertar o passo com a modernidade. A graduação assumiu de fato um perfil profissionalizante, forjando comunicadores e artistas competentes/críticos para atuar na indústria da informação e do lazer. A pós-graduação foi completamente reestruturada, convertendo-se em espaço da pesquisa aplicada, sem contudo minimizar os estudos básicos.

O mais importante é a articulação que se prenuncia entre os dois níveis de formação, através de programas integrados de pesquisa, que substituem o trabalho isolado dos docentes por equipes multidisciplinares, otimizando recursos e potencializando a compreensão de fenômenos globais.

Indicador dessa tendência é o treinamento intensivo de novos talentos de pesquisadores nos projetos que se desenvolvem nos núcleos recém criados. Enquanto isso, as vocações eminentemente profissionais encontram oportunidades de crescimento nas "agências júnior", que prestam serviços

* JOSÉ MARQUES DE MELO é jornalista e ex-Diretor da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP)

especializados às empresas e ao governo. A cooperação universidade-empresa tem sido dinamizada, demonstrando resultados satisfatórios. Do mesmo modo, ampliou-se a cooperação internacional, principalmente com os Estados Unidos, a França a Espanha e o México.

O inventário das ações institucionais nos últimos quatro anos revela o acerto das diretrizes adotadas. O número de profissionais diplomados cresceu 42%. A evasão escolar foi reduzida ao índice anual de 3,9%. A produção científicoartística manteve-se estável no patamar de 900 publicações-ano, projetando a ECA como uma das unidades mais produtivas da USP nesse período. Situação idêntica verificou-se na extensão de serviços à comunidade, com uma média anual de 500 eventos. No caso particular da pós-graduação, foram defendidas cerca de 200 dissertações de mestrado e 100 teses de doutorado, significando um incremento de produtividade que justifica o conceito "A" atribuído pela Capes nos dois últimos biênios. A soma desses fatores explica a vertiginosa demanda pelas carreiras de comunicações e artes no último vestibular (6 das 10 mais disputadas na USP).

A sinalização do reconhecimento dessas mudanças pelas instâncias deliberativas da universidade fez-se através de maiores dotações orçamentárias: em 1989, a escola recebeu apenas US\$ 395 mil para despesas de custeio; essa verba cresceu anualmente, triplicando-se em 1993 (US\$ 1.285 mil). A área construída foi duplicada, contando com financiamento da ordem de US\$ 2.500 mil concedido pelo BID para o conjunto das Artes (três prédios didáticos e um teatro experimental), em fase final de edificação.

Recursos adicionais captados em diversas agências do país e do exterior permitiram atualizar pedagogicamente os laboratórios. Alguns foram ampliados para atender às áreas inovadoras do telejornalismo, propaganda, vídeo e educação à distância. Também expandiram-se as publicações acadêmicas, ultrapassando a cifra de 100 títulos novos, inclusive revistas científicas, algumas orientadas para difusão junto à comunidade internacional.

Outro avanço decisivo ocorreu no âmbito da informática: o número de micro-computadores foi multiplicado dez vezes, sendo que 80% estão alocados em programas de ensino e pesquisa. A biblioteca e os serviços de documentação estão completamente automatizados, conformando uma rede eletrônica que permite o acesso direto dos usuários ao acervo interno e aos bancos de dados nacionais e estrangeiros.

Tais evidências correspondem a um esforço de modernização indispensável ao exercício cotidiano da acumulação e transmissão do saber. Mas tudo isso só foi possível pela mudança de mentalidade da vanguarda do corpo docente, que assimilou valores universais como excelência, eficácia, produtividade e relevância social. Trata-se contudo de um processo a ser consolidado, rompendo o círculo vicioso dos interesses corporativos e das concepções herdadas de uma estrutura estatal paternalista e complacente.

Esse é o maior desafio do próximo diretor da ECA-USP, pressupondo o exercício de uma liderança capaz de conduzir a instituição em direção ao futuro, sem perder de perspectiva as experiências bem sucedidas que começam a sedimentar-se.